



## ENTRE HISTÓRIA E IMAGENS: A RUA PINGA FOGO EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI<sup>1</sup>

**Miriam de Lima Cabral**

Aluna da especialização Latu Sensu Uneval Especializa, UNEAL. Mestranda em História.

PROHIS/UFS

[miriamlima1990@gmail.com](mailto:miriamlima1990@gmail.com)

**Francisca Maria Neta**

Professora do curso de História, UNEAL, GEPIM. Mestranda em História, UNICAP/PE

[francisca.neta@uneal.edu.br](mailto:francisca.neta@uneal.edu.br)

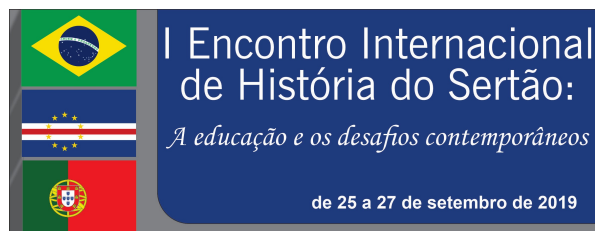
### RESUMO

Buscamos discorrer sobre a antiga rua Pinga Fogo, atualmente rua José Pinto de Barros, situada em de Palmeira dos Índios/AL. As ruas, bairros e lugares são personagens que fazem parte do cotidiano cidadão. Com o crescimento da cidade, os personagens foram modificados ou tiveram sua função ressignificada. Identificamos mudanças através de fotografias registradas em épocas distintas. Partimos do uso de imagens, que retratam essa rua a partir do século XX, confrontando-as entre o passado e o presente. Os lugares de memória, em Palmeira dos Índios, dão voz a narrativa que se constitui no cenário urbano: cidade que fala; cidade que guarda, em seus bairros e ruas, histórias e memórias que se cristalizam nas construções de séculos passados, nas ruínas, cicatrizes que moldam a cidade. Pesquisamos Palmeira dos Índios a partir das imagens, que marcaram a sua história, identificando os lugares de memória inseridos no imaginário e cotidiano dos habitantes. Para tanto, analisamos fotografias da rua José Pinto de Barros, em diferentes épocas, com o intuito de identificar as mudanças e permanências no contexto histórico. Vale destacar que as imagens fazem parte do acervo do GPHIAL (Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas). Teoricamente, estamos amparados nos estudos de Choay (2017), Barros (2012), Assmann (2011), Nora (1993), Burke (2004), Hartog (2015) e outros. A relação entre História, cidade, memória e patrimônio deu o tom desta pesquisa e por este viés sabemos que, através das edificações, a memória se ativa trazendo fagulhas e estabelecendo uma relação entre passado e presente.

**PALAVRAS-CHAVE:**Cidade, fotografias,patrimônio.

### Considerações iniciais

Palmeira dos Índios é uma cidade localizada no Semiárido em Alagoas cortada pelo Planalto da Borborema, criada em 1835 e emancipada no ano de 1889. Conta com aspectos patrimoniais tangíveis e intangíveis que ainda guardam traços de outrora, seja pelas festas



populares ou pelas edificações do alvorecer da cidade que permanecem vivas, fazendo um contraste entre passado e presente, encontramos razões para esta pesquisa em Palmeira dos Índios.

Os lugares de memória de Palmeira dos Índios dão voz a narrativa que se constitui na cidade; cidade que fala; cidade que guarda em seus bairros e ruas, história e memórias, que se cristalizam nas construções de séculos passados, nas ruínas, cicatrizes que moldam a cidade, fazendo parte do contexto urbano. Palmeira dos Índios é este mosaico cultural, devila que foi transformada em cidade e que ainda carrega marcas patrimoniais, mesclando as novas edificações contemporâneas, formando um cenário com traços marcantes do surgimento da cidade.

A pesquisa evidenciou a presença desses “lugares de memórias”<sup>2</sup> em uma das principais ruas de Palmeira dos Índios, a rua José Pinto de Barros, importante por manter “Lugares de Memória” e antigos casarões. Alguns desses espaços serão narrados a partir de fotografias da década de 1920 até o ano presente, pois a História se constitui de ligações entre passado e presente, embora não seja de forma pura, dadas as alterações pelas quais as sociedades passam ao longo do tempo. Dessa forma, preservar o patrimônio em ambas as suas ramificações permite que este passado seja evidenciado sem uma perda total de sua essência, no caso do patrimônio arquitetônico, mesmo com a existência de algumas intervenções que alteraram o sentido original é possível perceber vestígios de uma época passada.

Os conhecimentos expressados por alguns historiadores da chamada *História Cultural* propiciaram a construção da pesquisa, abrindo um novo leque de possibilidades para se pensar a história e suas práticas de escrita, dessa maneira, permite a compreensão do patrimônio enquanto “Lugares de Memórias” edificado no contexto da cidade de Palmeira dos Índios – AL, nos fazendo refletir dentre outras questões sobre: quem produziu as edificações históricas? Com que finalidade? Ao que ou a quem elas atendem? O patrimônio arquitetônico carrega consigo, expressões de outrora, podendo fazer refletir, questionar, resguardar traços passados pertinentes para entender a sociedade daquele tempo e conseqüentemente o presente.

Pesquisar os “Lugares de Memória” e “Espaços de Recordação”<sup>3</sup> da cidade a partir das edificações que marcaram a sua história e que encontram-se inseridos no cotidiano dos seus habitantes é o objetivo da pesquisa, que em seu enredo consta com fotografias antigas e



atuais de Palmeira dos Índios, escritos dos memorialistas da cidade que ao reunirem fotos, imagens e recortes de jornais deixaram registrados histórias, memórias, curiosidades, fatos políticos, sociais e culturais do crescimento de Palmeira dos Índios, referências para essa pesquisa.

### **Entre a cidade, os lugares de memória e o patrimônio**

O diálogo entre cidade e patrimônio faz parte da atmosfera histórica-social e cultural e se faz necessário, para entender a origem da cidade e de seus personagens, em questão, os “Espaços de Recordação”, pois é na cidade que temos os “Lugares de Memória” e patrimônio histórico, tratados aqui por intermédio das imagens. O patrimônio arquitetônico, isto é, aquele que é edificado, construído, que tem materialidade (pedra e cal), é um lugar onde a memória se ativa; diante disso existe um cuidado para se preservar como tal, sem inserir elementos atípicos ao espaço estudado, pois as edificações fazem relação com as pessoas, com grupos que habitam determinados espaços, neste sentido, o patrimônio histórico é carregado de valores simbólicos, conhecidos como “Lugares de Memória”.

Para Choay (2006) a expressão patrimônio histórico designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos, remete a uma instituição e a uma mentalidade. “Entre os bens incomensuráveis e heterogêneos do patrimônio histórico, escolho como categoria exemplar aquele que se relaciona mais diretamente com a vida de todos, o patrimônio histórico representado pelas edificações” (CHOAY, 2006, p. 12).

Na perspectiva da Constituição Brasileira, “Patrimônio é o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis, quer pelo seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.” (BRASIL, 1980, p. 74). Tudo o que se deseja manter ainda vivo e que traga consigo lembranças, que contém a história através de seus bens, é configurado como patrimônio, seja ele imaterial, ou material, como é o caso da manutenção da arquitetura em prédios antigos, para exemplificar.



Com o crescimento do comércio e a necessidade da urbanização as cidades se modificaram no decorrer de seu trajeto histórico, segundo BARROS (2012) a cidade deve muito de seu poderoso impacto no imaginário social ao atributo de poder ser contemplada em toda a sua grandeza e totalidade pelo olho humano [...] a cidade, neste sentido, seria o maior artefato produzido pelo homem. E, em Palmeira dos Índios novas construções são erguidas enquanto as antigas ganham um novo sentido, são ressignificadas.

Na perspectiva de Assmann (2011) os locais de memória possam tornar-se sujeitos, portadores de recordações e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos, desse modo, temos na cidade em suas ruas e lugares portadores de lembranças, espaços que fizeram/fazem parte da cidade, mas que ao longo do tempo ganharam novos usos e significados, trata-se da memória edificada, presa em alicerce além das fotografias que são testemunho do passado e de recordações.

Dessa maneira e a partir destes questionamentos e de reflexões sobre o tema é importante não desmerecer esses locais de Palmeira dos Índios - AL, para que ele não fique reprimido à beleza das fachada e das construções de outrora é necessário inserir os lugares de memória no contexto social da cidade, na vida de seus moradores, pois estes patrimônios estão na trajetória da cidade, imprimem memórias de pessoas que já não estão mais entre nós, mas que deixaram seu registro em fotos, escritos e que têm seu valor histórico para a comunidade que abrigam esses bens móveis ou que passaram seus conhecimentos através da oralidade.

A partir das mudanças no cenário do patrimônio histórico e cultural, é importante ver a história não apenas na sua estruturação, mas no conhecimento que se pode ser transmitido através de determinada fonte, no caso, o patrimônio edificado. Pois, a História agora é um imenso conjunto de saberes com outras possibilidades que levam ao conhecimento histórico, tendo este como fonte principal e que harmoniza a edificação da pesquisa, que direta ou indiretamente é possível se analisar determinado contexto histórico. O ofício do historiador centra-se em discutir as fontes que colaboram para o fazer histórico, sendo elas: iconográficas, documentais ou orais com algum objetivo, no caso desta pesquisa, dar voz ao patrimônio edificado.

## A Rua Pinga Fogo Em Fotos

Entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória” (CALVINO, 1990, p. 19-20).

As ruas, bairros, lugares são personagens que fazem parte do cotidiano citadino. Com o crescimento da cidade esses personagens foram modificados ou tiveram sua função ressignificada, sabemos disto através de fotografias registradas ao longo dos séculos. Partiremos do uso de imagens que retratam a cidade a partir do século XX, confrontando-as entre o passado e o presente. De acordo com Burke (2017) é frequente o uso das imagens pelos historiadores urbanos para que seus leitores imaginem a antiga aparência das cidades em seu contexto geral não somente observando prédios, casas, mas os animais, árvores, o imaterial conversando com o material para retratar o cenário de tempos passados.



Rua José Pinto de Barros em 1919.  
Foto: autor desconhecido.  
Fonte: acervo do GPHIAL.

A paisagens da cidade ficaram marcadas por registros detalhados desses espaços em prédios, casas, praças que são “espaços de recordação”. Como fonte histórica a fotografia é de suma importância para compreender essa paisagem. Então é necessário mostrar que existem funções atreladas a estes espaços. São bens que ocupam lugares de privilégio na cidade

enquanto histórias e memórias, ao passo que estes mostram como era o passado e como se davam as relações sociais de determinada época, construindo uma identidade local.

Em Palmeira dos Índios passeamos por lugares repletos de histórias e que guardam memórias, evidências do passado, locais que foram capturados em uma fotografia em diversos momentos da História da cidade. A rua José Pinto de Barros, outrora chamada de Pinga-Fogo<sup>4</sup> abriga algumas construções de aspectos arquitetônicos e locais de recordação que tecem a história da cidade, A casa de Graciliano Ramos, a casa de seu pai, Sebastião Ramos e o antigo Aero Clube (espaço reservado pra bailes e outros eventos).

Durante um período foi uma das ruas mais importantes do município, pois na época moravam famílias influentes da sociedade palmeirense, por exemplo a família de Graciliano Ramos, de José Pinto de Barros e outras. Lá acontecia a comemoração do carnaval de rua, em que as pessoas saíam as ruas fantasiadas em busca de diversão. “O nosso olhar percorre suas ruas como se elas fossem “páginas escritas”, querendo adivinhar as histórias que elas escondem, traduzir a língua difícil dos sentimentos que construíram o seu cotidiano [...]” (REZENDE, 1997, p. 21).



Flagrante do carnaval em 1970 na rua José Pinto de Barros.

Foto: autor desconhecido.  
Fonte: acervo do GPHIAL.



Hoje, chamada de rua José Pinto de Barros, em homenagem à José Pinto de Barros, prefeito de Palmeira dos Índios entre 1941-1947 que em suas memórias póstumas deixou um breve relato “Administrei e dei nova feição à cidade de minha terra, e tudo fiz pelo progresso do atual grande distrito de Palmeira dos Índios, contando com a cooperação dos seus habitantes e recebendo o incentivo e o apoio moral dos órgãos federais, estaduais e do Clero” (IANNELLA; SILVA, 2015, p.29) [1950?]. A partir dos escritos de Luiz B. Torres (2002) é sabido que, a administração de José Pinto de Barros foi marcada pelo impulso no desenvolvimento da cidade, construiu praças, calçou várias ruas, angariou recursos para a construção do Hospital Regional Santa Rita, sem dúvida foi um dos grandes prefeitos de Palmeira dos Índios.

Nessa narrativa rememoramos alguns lugares que guardam memórias de Palmeira dos Índios, na perspectiva, Assmann (2011) que retoma ao pensamento de Cícero sobre sua perspectiva em relação as memórias dos locais:

Grande é a força da memória que reside no interior dos locais” – a frase de Cícero pode servir de impulso inicial para quem se questiona a respeito de uma força específica da memória e do poder vinculativo dos locais. O grande teórico da mnemotécnica romana tinha uma noção clara do significado dos locais para a construção de uma memória. (ASSMANN, 2011, p. 317-318).

Como lugar de memória, a Casa de Graciliano Ramos, transformada em museu no ano de 1973 é uma construção de valor educacional e histórico e configura o patrimônio edificado da cidade de Palmeira dos Índios - AL. Entendemos por patrimônio intangível um conjunto de traços materiais que carregam consigo uma existência maior que o ser humano, que ao morrer leva consigo lembranças, diferentemente das edificações que, se preservadas estão sujeitas a interpretações do passado.

A casa de Graciliano Ramos faz parte da trajetória de Palmeira dos Índios, partindo dos pressupostos de Bourdieu, em *O Poder Simbólico*, temos nesta casa, um símbolo que faz parte de um sistema simbólico, sendo um instrumento de comunicação, para Bourdieu (2009) os símbolos são instrumentos da integração social de conhecimento e de comunicação. Neste sentido, a Casa Museu não é somente uma figurante na cidade, mas parte social e cultural da história de Palmeira dos Índios, por ter sido a casa de um dos prefeitos da cidade entre 1927-

1930 e um dos grandes Romancistas Brasileiros, Graciliano Ramos (1892-1953) e foi nesta casa que ele começou a escrever boa parte de suas obras, a exemplo Caetés, que tem como pano de fundo as ruas da cidade de Palmeira dos Índios.

Localizada na Rua José Pinto de Barros, n 90, no centro da cidade, branca e de janelas azuis. Foi construída no ano de 1910 e dada de presente de casamento à Graciliano Ramos por seu pai. A casa Museu Ramos guarda objetos pessoais, mobília a época, documentações da época em que foi prefeito, exemplares raros, ainda escrito à caneta e as primeiras edições de seus livros, a casa é um convite a vida e memória de Graciliano Ramos.



Fotografia da Casa de Graciliano Ramos em 1960.

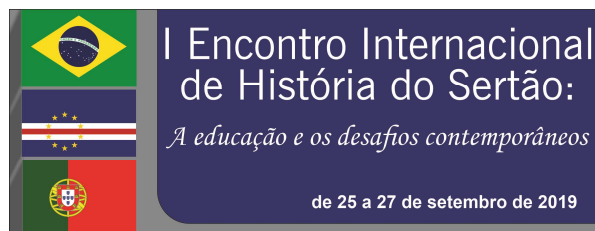
Foto: autor desconhecido.

Fonte: acervo do GPHIAL.

A historiografia contemporânea é caracterizada por uma profunda revolução de conceitos e métodos, abrindo o leque de possibilidades para entender e reconstruir o passado, para Braudel (2005) há uma gama de fenômenos em função do tempo, no sentido desta pesquisa, cabe a ideia de larga duração, vinculando o passado ao presente, pois a Casa Museu Graciliano Ramos, apresenta uma realidade do passado incrustada no presente, ao ano de 1960 na fotografia seguinte e posteriormente em 2019.

Segundo Burke (2017) o uso de imagens é um processo para a reconstrução da cultural material do passado, pois através das imagens é possível ver as mudanças objetos, prédios, vestuários. “Fotografias antigas são especialmente valiosas para a reconstrução histórica [...] (BURKE, 2017, p. 129-130)”. No caso da Casa Museu, a evidência visual é





importante para a história urbana, haja vista que nestas construções existem evidências para a reconstrução do passado. As imagens podem servir como evidência histórica, mas não em seu sentido estrito do termo, conforme Burke (2017) a partir das considerações de Francis Haskell para o que ele dominou “o impacto da imagem na imaginação histórica”, neste sentido, as imagens permitem à posteridade compartilhar as experiências ou conhecimentos de culturas passadas, disto isto, “as imagens nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vívida. (BURKE, 2017, p. 24). Através das imagens podemos analisar que alguns locais não passaram por mudanças, como mostra o registro de 2019 da Casa de Graciliano Ramos, o mesmo lugar, a mesma casa, embora atualmente seja destinada a outra funcionalidade.



Fotografia da Casa de Graciliano Ramos em 2019.

Foto: Míriam de Lima Cabral

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os locais que guardam os traços das décadas vividas são pertinentes para a rememoração de como era a cidade e através destes, perceber rupturas e permanências. Evidentemente que alguns lugares estão eternizados nas fotografias, outros resistem ao tempo mantendo a originalidade, ora ressignificado, porém com alguns traços, que evocam memórias e elaboram perguntas: quem morou aqui? Porquê mantê-la assim? O que acontecia na cidade naquela época? É partir dessas indagações que podemos falar do passado, entendê-lo e vivenciá-lo.

O Solar dos Leite dá sentido ao pensamento de Assman “O que dota determinados locais de uma força de memória especial é antes tudo sua ligação fixa e duradoura com história de família [...] em um local de gerações como esse os membros de uma mesma família nasceram e morreram, em uma corrente inquebrantável de gerações”. (ASSMAN 2011, p. 320) pois foi uma casa em que moraram famílias, carregam em suas paredes, em seus traços arquitetônicos, detalhes passados, observados através das fotografias, como salienta (KOSSOY, 2001) “toda fotografia é um resíduo do passado” nesta casa contém indícios do passado, observados em uma da foto do séc. XX.

Partindo das informações do acervo de Luiz. B. Torres (1998) esse casarão foi morada do Pai de Graciliano Ramos. A construção deste imóvel teve início no ano de 1911, quando o coronel Sebastião Ramos de Oliveira, veio com toda sua família de Viçosa/AL, para residir em Palmeira dos Índios, no dia 27 de outubro de 1910, exatamente no dia em que seu primogênito, Graciliano Ramos de Oliveira, estava completando 18 anos de idade. Em 1911 o coronel Sebastião começou sua construção, pretendendo fazer uma casa espaçosa para abrigar a sua numerosa família. Foram construídos dois blocos, interligados por um primeiro andar. Um verdadeiro casarão.



Fotografia do Casarão em 1920.  
Foto: autor desconhecido.  
Fonte: acervo do GPHIAL.



Fotografia do Solar dos Leite em 2019.

Foto: Míriam de Lima Cabral.

Fonte: acervo pessoal da autora.

Após a morte de Sebastião Ramos, o casarão foi descaracterizado e transformado em duas residências, ficando para a posteridade apenas o lado direito da casa, conforme observamos no registro fotográfico de 2019. Para Cabral Filho (2009) a fotografia não seria simplesmente o registro de um objeto: em sua condição de criação humana, ela elabora uma realidade “que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente nela”. A fotografia como evidência para a construção da narrativa nos fornece que este casarão existiu, existe e resiste, afinal são 108 anos de história vivenciadas no interior, exterior e arredores desse casarão.

O Aero clube inaugurado no dia 17.08.1941 sendo o 1º clube oficial da cidade, era o espaço dos bailes, carnavais e também se encontra inserido nos lugares de memória da Rua José Pinto de Barros. Muito utilizado pela sociedade palmeirense entre os idos de 1950/1960 fazendo parte da trajetória da cidade. “De minhas lembranças, vem os carnavais de Palmeira, no AeroClube, no CSE, no Monte Pio, nas ruas, nas residências, nos blocos, delírios da mocidade. (BARROS, 2006, p. 67). Para Kossoy (2001) a imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior que a vida e

morte, além de ser um produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos. As imagens seguintes dão veracidade ao pensamento de Kossoy (2001) pois foram capturadas em momentos de festas da sociedade palmeirense em bailes e carnavais durante a década de 1960, uma realidade que já não é presente, congelando momentos únicos que ficam agora para a posteridade.



Fotografia do Carnaval no AeroClube em 1966.

Foto: autor desconhecido.

Fonte: acervo do GPHIAL.

Os momentos em que as fotografias são realizadas partem de contextos específicos, históricos, econômicos, políticos, culturais, sociais etc. Nas fotografias do AeroClube temos o auge e a decadência do clube, a primeira foto em um momento festivo, a observar pelas fantasias e decoração do espaço, a foto foi feita durante o carnaval, nota-se as pessoas se divertindo. Convém chamar a pessoa que registrou a foto de filtro cultural<sup>5</sup> que ao capturar esta foto teve o cuidado em registrá-la de um ângulo que permite ver um aglomerado de pessoas, seus movimentos a porta de entrada do clube, a fundo na parte esquerda, uma mesa com algumas pessoas bebendo. Neste sentido, esta foto trata de um momento cultural da cidade “toda fotografia representa em seu conteúdo uma *interrupção* do tempo e, portanto, da vida” (KOSSOY, 2001, p. 44). Sendo assim, esse momento real registrado num instante de descontração ficará para sempre assim, congelado, marcando uma época em que este espaço abrigou tantos carnavais.



Fotografia do Aero Clube em 2019.  
Foto: Míriam de Lima Cabral.  
Fonte: acervo pessoal da autora.

Atualmente o Aero clube encontra-se desativado, perdeu sua glória, já não se fazem mais festas, os carnavais são comemorados nas ruas da cidade, os bailes partiram para outros espaços contemporâneos. O que fica evidente nessas fotografias é que o Aero clube teve seu auge e hoje vive o seu declínio, como lugar de memória é um espaço importante para o contexto histórico, social e cultural da cidade, com rupturas e permanências, rupturas das festas que já não são comemoradas, permanências do espaço físico, mas que tem uma história, memória que se acedem ao olharmos para uma fotografia do passado e saber a partir dessa fotografia a trajetória percorrida pelo Aero clube.

Para Certeau(2014) o que impressiona mais, aqui é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais: “aqui vocês veem, aqui havia...”, mas isto não se vê mais. O visível fala do invisível, definindo o lugar, sua identidade, lugar que está ligado a lembranças e são os vestígios do passado da rua Pinga Fogo/José Pinto de Barros que fazem parte do presente que mostram como esses lugares de memória podem ser “semióforos”: “objetos visíveis investidos de significações<sup>6</sup>”. O que Hartog (2015) defende é que o patrimônio torna visível, expressa uma certa ordem do tempo, na qual a dimensão do passado conta. Trata-se, porém, de um passado do qual o presente não pode ou não quer se desligar completamente.

### Considerações Finais



Entre os personagens de Palmeira dos Índios, os lugares de memória ocupam um espaço que tece a trama da história da cidade, cidade que fala, que através de seus casarões, museus, espaços de festa, como os citados nessa narração, fazem o tecido da história da nossa cidade; locais que foram fotografados no século XX e que estão vividos não somente em imagens, mais erguidos. Devemos contemplar as cicatrizes que delineiam os lugares de memória da cidade de Palmeira dos Índios, nas marcas do vivido, encontrar lampejos para evocar a memória de prédios que, trazem sem suas fachadas, fissuras a história da cidade, observando as transformações e sua dimensão temporal, guardada em fotografias, vestígios da cidade, de sua história

Testemunhas mudas, as fotografias funcionam como lampejos, pois a rever fotos do que era podemos imaginar a vida cidadina da sociedade palmeirense, congeladas em fotos, através das lentes que algum fotógrafo atuou como “filtro cultural” e capturou instantes da realidade daquela época, de pessoas e lugares, momentos marcantes para a história da cidade que se não fossem a fotografia, não estaríamos no presente refletindo sobre o passado, não poderíamos descrever o que foi e o que permaneceu.

As lembranças estão preservadas nesses lugares, espaços que fazem parte da história de Palmeira dos Índios, da vida de seus habitantes que indo e voltando por essa rua, passeando nas calçadas, visitando à Casa Museu Graciliano Ramos rememoram outros tempos ou tem a curiosidade em que conhecer a história desses espaços e sua representação para a cidade. Neste sentido, salientamos a importância de preservar esses lugares, de tê-los na cidade, de através de fotos compreender o passado, pois é uma parte da cidade, de sua memória.

Entender a cidade, a paisagem que ela constrói como ela é transformada em palavras, não só a foto pela foto, mas o que elas nos revela, atmosfera em que se encontrou ou se encontra, acompanhando a narrativa para tentar descobrir o significado e a ideia principal pelas coisas encontradas, pois o narrador sugere que tipo de história, neste caso, o que a cidade forma, como podemos entendê-la através de suas fotografias, das muitas histórias e memórias reveladas em uma imagem, podemos ter a cidade como um personagem, uma porta que dá acesso a sua História de Palmeira dos Índios e de seus personagens, sejam eles, lugares ou pessoas.



Portanto, a história de uma rua da cidade de Palmeira dos Índios, pode ser lembrada a partir das fotografias, não só a foto pela foto, mas o que ela nos fala através do instante em que foi cristalizada, indícios do passado, de lugares que ainda (re) existem, em que possível obter fotos em séculos distintos e dessa maneira falar de presente e passado pela fotografia. Esses lugares são patrimônio da cidade, no sentido de algo pertencente a comunidade, de algo que existe o desejo de se preservar, apesar das mudanças na cidade, da presença de outros tempos, que podem não ser tão visíveis.

## NOTAS

<sup>1</sup>As reflexões apresentadas nesse texto é parte da pesquisa realizada para elaboração do artigo de Especialização na UNEAL/CAMPUS III, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Francisca Maria Neta.

<sup>2</sup> Para Nora (1993) os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subdisse uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela ignora. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, ou seja, é preciso tem um lugar para ancorar essas memórias.

<sup>3</sup> Expressão usada por Aleida Assman para se referir à memória desses locais. A expressão é sugestiva porque aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos. (ASSMAN, 2011, p. 317).

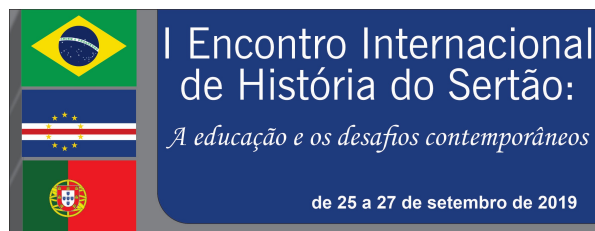
<sup>4</sup> Segundo os escritos de Luiz B. Torres, nesta rua, há muitos anos atrás, residia uma família de classe média, cuja as filhas do casal escandalizaram a sociedade local, por causa de licenciosidade de seus costumes. Eram três moças que namoravam escandalosamente. A autoridade dos pais, liberais ao extremo, permitiam que suas filhas tivessem um comportamento em relação ao sexo oposto moderno demais para os padrões da época. Um fato interessante é que, enquanto as mulheres que faziam parte da sociedade condenavam impiedosamente a trindade sequiosas por homens, por suas vezes as elogiavam com muita generosidade. Segundo depoimento de pessoas que as conheceram, todos são unânimes em afirmar, que elas eram quentes e fogosas. Namoravam muito e eram bastantes assediadas por todos. Por essa razão, o povo apelido-as de pinga-fogo. Então quando alguém marcava encontro para esta artéria, dizia-se: encontrar-nos-emos na rua das pinga-fogo. Daí este logradouro ficou sendo conhecido por muitos anos de rua pinga-fogo.

<sup>5</sup> Para Kossoy o fotógrafo atua enquanto filtro cultural, pois ele usa de aspectos determinados para fazer o registro do real naquele instante, preocupado com os detalhes, tecnologia para compor a fotografia.

<sup>6</sup> Classificação proposta por Krzysztof Pomian, ver HARTOG (2015, P. 197).

## Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Editora da Unicamp, Campinas, SP. 2011.



BARROS, Ivan Bezerra de. **Abrindo a janela do tempo: memória e história.** Editora Graciliano Ramos, 2006.

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e história.** 2ªed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem.** EDUSC, Bauru-SP, 2004.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história.** UFCG, Campina Grande, 2009.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer.** Vozes, Petrópolis: 2014.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP, 2006.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Autêntica, Belo Horizonte, 2015.

IANNELLA, Laurita de Barros; SILVA, Isvânia Marques da. **Fruto de um esforço: crônicas e notas.** Imprensa Oficial Graciliano Ramos, Maceió, 2015.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 3ª ed. Ateliê Editorial, São Paulo, 2009.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares.** *In: Les Lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII-XLII.* Tradução autorizada pelo editor, Yara AunKhoury, Departamento de História, PUC, São Paulo, 1993.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX.** Recife: FUNDARPE, 1997.

TORRES, Luiz Byron Passos. **Prefeitos de Palmeira dos Índios: Não publicado, 2002.** (Disponível no acervo do GPHIAL).

TORRES, Luiz Byron Passos. **Crônicas para a tribuna do sertão: Não publicado, 1998.** (Disponível no acervo do GPHIAL).

### Documentação Consultada

CONSTITUIÇÃO DE 1988. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em 02.04.2017.





**GPHIAL.** Grupo de Pesquisa da História Indígena de Alagoas. Fotos utilizadas no artigo. Pesquisa em julho de 2019.

**IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NACIONAL.** Documento de tombamento da Casa de Graciliano Ramos, em 23 de abril de 1963. Disponível em: <http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/handle/123456789/4659?discover?rpp=10&etal=0&query=graciliano+ramos>. Acesso em julho de 2018.